



BAILARINA

TEATRO PARA BEBÊS

O TEATRO PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA
COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE
UM TEATRO INFANTIL CONTEMPORÂNEO



O que de início parece engraçado
- Afinal de contas, o que é que um bebê vai entender no Teatro? -
Revela-se, de repente, uma surpresa:
Já não fazia tempo que havíamos chegado ao consenso
De que a Arte não tem que ser entendida?

“Sandra Vargas mais uma vez dá um show de delicadeza e placidez em cena. Autora também do lindo texto, Sandra interpreta uma mulher que recebe de presente da filha uma caixinha de música, dessas com uma bailarina na ponta dos pés. É teatro do melhor nível, que emociona, que toca, que estimula.”

Dib Carneiro Neto - Revista Crescer

“É um espetáculo lírico, que promete encantar também as crianças maiores e os adultos.”

Fernanda Araújo – O Estado de São Paulo

“Nada se compara ao movimento em frente a um galpão na Mooca, sede do Grupo Sobrevento. No fim de semana, forma-se uma grande fila para disputar as 70 vagas (35 bebês e 35 adultos) para Bailarina e Meu Jardim, as duas peças bacanas para nenês em cartaz ali”.

Clara Nobre de Carvalho - Revista Veja

“De fato, assim que ecoou a música, os bebês se calaram como se tivessem ensaiado, tomados por um deslumbramento coletivo.”.

Fábio Fujita - Revista Piauí

“Bailarina desafia tudo o que se espera da concepção estética para este público. Marcada por silêncios, a peça dispensa cores primárias e formas fofinhas no figurino ou no cenário”.

Gabriela Romeu - Folha de São Paulo

“Ela se aproxima das crianças, sussurra, uma delas se emociona. ‘Você consegue ouvir?’, pergunta a Bailarina”. Os olhos da pequena se enchem de lágrimas”.

Daniela Jacinto - Cruzeiro do Sul

“Sobrevento brilha em monólogo para Calder. Sozinha no palco, Sandra Vargas, também autora do texto, compõe uma atraente sinfonia cênica de delicadeza, própria para agradar a pais e filhos.”

Dib Carneiro Neto - O Estado de S. Paulo

“São peças que revelam um surpreendente modo de fazer teatro, retomando a ideia de que os palcos são lugares de comunhão, jogo e descobertas, sempre com muita delicadeza e inteligência.”

Maria Fernanda Vomero - Revista Época

“Além disso, as apresentações também são uma opção de passeio para quem tem filho pequeno, já que nem todos os lugares são apropriados ou tem estrutura para receber crianças.”

Simone Tinti - Revista Época



Formado em 1986, o GRUPO SOBREVENTO é um grupo profissional de Teatro que mantém um repertório de espetáculos e que se dedica à pesquisa, teórica e prática, da animação de bonecos, formas e objetos. Desde sua fundação, o Grupo mantém um trabalho estável e ininterrupto e tem-se apresentado em mais de uma centena de cidades de 23 estados brasileiros. O SOBREVENTO esteve, também, no Peru (1988), Chile (1996, 2002, 2009, 2010 e 2017), Espanha (1997, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2014 e 2018), Colômbia (1998 e 2002), Escócia (2000), Irlanda (2000), Argentina (2001), Angola (2004), Irã (2010), México (2010), Suécia (2011), Estônia (2011), Inglaterra (2013), França (2017), Eslováquia (2018), China (2017 e 2019) e Índia (2020), representando o Brasil em alguns dos mais importantes Festivais Internacionais de Teatro e de Teatro de Bonecos.

Os espetáculos do Grupo são muito diferentes entre si, quer seja na temática, quer seja na forma, na técnica de animação empregada, no espaço a que se destina ou no público a que se dirige. Têm recebido, constantemente, Prêmios ou indicações para Prêmios da importância do Mambembe (Funarte/Ministério da Cultura), Coca-Cola, Shell, APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Maria Mazzetti (RioArte), sendo sempre apontados pela crítica especializada entre os melhores de suas temporadas. Por duas vezes consecutivas, em 1994 e em 1995, o SOBREVENTO recebeu do Ministério da Cultura o Prêmio Estímulo, pelo conjunto dos seus trabalhos e "pela sua contribuição ao panorama das Artes e da Cultura do país".

Além das apresentações de seus espetáculos, o SOBREVENTO desenvolve diversas atividades no campo do Teatro de Bonecos e de Animação, como a realização de Cursos, Oficinas, Palestras e Mesas-Redondas, tanto no Brasil como no exterior. Realizou, também, duas Mostras Internacionais de Teatro de Animação no Rio de Janeiro, em 1992 e em 1995, e foi diretor artístico do Primeiro Festival Internacional de Teatro do Rio de Janeiro - Rio Cena Contemporânea, em junho de 1996 e curador do Festival SESI BONECOS DO MUNDO, realizado em Brasília (2005), em São Paulo (2006), em Manaus (2007), em Recife (2008) e em Brasília (2009), do Festival SESI BONECOS DO BRASIL, realizado em diversas cidades das regiões Sudeste e Sul, entre agosto e setembro de 2006. Também fora dos Festivais que organizou, foi responsável pela vinda e pela circulação pelo país de diversas companhias estrangeiras de Teatro de Bonecos. Atualmente é curador do Festival Internacional de Teatro de Objetos - FITO realizado em diferentes capitais do país, desde 2009. Em 2003, 2004, 2006, 2008, 2012, 2014, 2016 e 2017 foi apoiado pelo Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Em 2010, foi patrocinado, por dois anos, pela Petrobras.

Os últimos espetáculos do Sobrevento foram Mozart Moments (1991), Beckett (1992), O Teatro de Brinquedo (1993), Ubu! (1996), Cadê o meu Herói? (1998), O Anjo e a Princesa (1999), Brasil para Brasileiro Ver (1999), Submundo (2002), O Cabaré dos Quase- Vivos (2006), O Copo de Leite (2007), Orlando Furioso (2008), Meu Jardim (2010), Bailarina (2010), A Cortina da Babá (2011), São Manuel Bueno, Mártir (2013), Sala de Estar (2013), Eu Tenho uma História (2014), Só (2015), Terra (2016), Escombros (2017), Noite (2019) e O Amigo Fiel (2019). Dirigido, ainda hoje, por Luiz André Cherubini e Sandra Vargas, seus fundadores, o Grupo Sobrevento é reconhecido, nacional e internacionalmente, como um dos maiores especialistas brasileiros em Teatro de Animação e uma das principais Companhias estáveis de Teatro do Brasil.

Apesar de sua longa carreira, somente em 1º de junho de 2009 abriu a sua primeira sala pública, o seu primeiro espaço. O ESPAÇO SOBREVENTO é o único espaço da cidade de São Paulo dedicado ao Teatro de Animação. Com uma programação sempre gratuita, recebeu 43 de alguns dos maiores nomes do Teatro de Animação mundial, de diferentes países.



Contemplado pelo Prêmio Myriam Muniz, o GRUPO SOBREVENTO criou o espetáculo BAILARINA, destinado à Primeira Infância, com vistas a alcançar uma experiência muito particular na comunicação com o público de até 3 anos de idade.

O espetáculo para bebês BAILARINA é uma iniciativa pioneira no Brasil, com um resultado tal que terminou por ser convidado a cumprir temporada no Teatro Fernán Gómez, em Madri, Espanha, marcando a primeira vez que um espetáculo brasileiro integra o Ciclo Rompiendo el Cascarón, direcionado especificamente à Primeira Infância. Em 2011, BAILARINA cumpriu temporada de enorme sucesso no Espaço Sobrevento, na cidade de São Paulo, uma temporada que foi considerada pelo crítico Dib Carneiro Neto a iniciativa cultural mais importante do ano.

Uma mulher recebe de presente, de sua filha, uma caixinha de música, com uma bailarina. Entre colares e a dança da bailarina, ela se lembra dos sonhos esquecidos e abandonados e questiona o equilíbrio que buscou e que encontrou. Esta conquista, porém, afastou-a do risco, do medo, da queda e das emoções mais profundas que sua filha – agora, do mesmo modo que quando era pequena – teima em despertar.

Para criar o espetáculo, foram desenvolvidas improvisações a partir do Teatro de Objetos, buscando tanto um tipo de presença cênica mais verdadeira, natural, casual, espontânea, quanto uma condução não linear de uma história, tratando de estabelecer uma atmosfera, um clima dramático, descolado do uso da palavra. Foram feitos contatos e visitas a creches, tanto para a difusão da ideia de um Teatro para Bebês, quanto para a própria observação do cotidiano das instituições e das crianças.

O espetáculo tomou como tema o sentido do equilíbrio, entendendo que a busca do equilíbrio físico e emocional pode não ser uma libertação, mas um aprisionamento, que pode nos levar a abstrair o mundo, fazendo com que nos foquemos demais, com que nos fechemos, que não olhemos ampla e verdadeiramente para aquilo que nos cerca. A montagem cruzou o tema trabalhado com o Teatro de Objetos, através da utilização central de uma caixa de música e de colares, que foram adquirindo diferentes funções poéticas na encenação.

BAILARINA é um espetáculo muito íntimo e delicado, feito de silêncios, ações físicas, utilização de objetos, valorização das mínimas ações: pequenas coisas que, na relação com a primeira infância, tomam uma dimensão muito maior. Criado a partir de um texto inédito escrito pelo próprio SOBREVENTO, a partir da investigação do tema, o espetáculo terminou por estabelecer uma relação próxima, de aparente fragilidade e extremamente poética e simbólica com o público.

A iluminação ficou a cargo do premiado iluminador Renato Machado, que veio do Rio de Janeiro em duas ocasiões, especialmente para a criação e montagem da luz. Esta valeu-se de um refletor especial, que cria um efeito de água, além de um globo espelhado e iluminação nas cores branca e vermelha. A direção musical foi de Luiz André Cherubini, diretor do espetáculo, e a cenografia, também de sua autoria, remete a uma caixa de música, elemento central do próprio espetáculo. O figurino associa a roupa de uma bailarina a uma elegante roupa de festa, caracterizando a situação (uma mulher que abre um presente dado por sua filha) à figura de uma bailarina de caixa de música. A preparação corporal e coreografia de Juliana Pardo definiram os movimentos de dança utilizados no espetáculo.

BAILARINA estreou em 2010, em creches da cidade de São Paulo. Foi convidado a cumprir temporada no Teatro Fernán Gómez, em Madri, Espanha, marcando a primeira vez que um espetáculo brasileiro integrou o Ciclo Rompiendo el Cascarón, direcionado especificamente à Primeira Infância. Em 2011, cumpriu temporada de enorme sucesso no Espaço Sobrevento, na cidade de São Paulo, uma temporada que foi considerada pelo crítico Dib Carneiro Neto a iniciativa cultural mais importante do ano. Apresentou-se em CEUs – Centro Educacionais Unificados – em São Paulo e, também, em Brasília (DF), Londrina (PR), Itajaí (SC), Piracicaba e Jundiá (SP). Em 2016, circulou por todas as creches de São Bernardo do Campo, em um total de 140 apresentações. Em 2017, participou da Jornada do Patrimônio, em São Paulo, e do Festival Internacional da Marionete, em Charleville-Mezières (França).

Teatro para bebês: um sucesso do *Grupo Sobrevento*

Duas ótimas peças, *Bailarina* e *Meu Jardim*, lotam nos fins de semana em São Paulo, com pais, mães, babás e... bebês de 0 a 3 anos

Dib Carneiro Neto

Pais e mães, principalmente os marinheiros de primeira viagem, ficam sempre muito ansiosos com tudo o que diz respeito à iniciação dos filhos na vida, o que é natural e perfeitamente compreensível. No tema específico que quero tratar hoje, não poderia ser diferente. Com que idade começar a levar as crianças ao teatro? Há mesmo muita ansiedade dos pais com relação a isso, a julgar pela quantidade de vezes em que já se aproximaram de mim – um crítico de teatro infantil – para me fazer esta pergunta. Com um aninho? Com dois? Três?!!!

Minha resposta não é baseada em teorias e estudos, mas em bom senso. Não estou descobrindo nenhum ovo de Colombo nem virando guru de autoajuda do teatro infantil. Eu sempre respondo a mesma coisa aos pais ou às mães: "A ansiedade é sua. Com 3 anos, é ótimo e passa a ser bem proveitoso, mas, se você quiser que seu filho comece mais cedo ainda, leve-o assim que seu bebê já puder sentar quietinho no seu colo e conseguir fixar por um certo tempo seu interesse no que está acontecendo no palco, mantendo um mínimo de silêncio. É claro que o bebê não vai entender o texto, a poesia, as metáforas, os personagens, mas todo e qualquer estímulo (cor, luz, som), por menor que seja, já será um começo saudável para alimentá-lo com as primeiras 'papinhas' de linguagem artística. O importante é levantar e ir embora da sala assim que ele abrir o berreiro, assim que ele se cansar e ficar irrequieto no seu colo. Nada de forçar, porque, no fim das contas, o programa perderá o sentido de prazer e, além disso, você e seu bebê estarão atrapalhando o restante da plateia na fruição do espetáculo. Mesmo que seu bebê fique entretido só por 15 minutos, olhando fixamente para algo no palco, isso já terá valido a pena e o preço do ingresso. Pegue o carro e vá embora. Ou espere no saguão, brincando com seu bebê, enquanto o restante da família vê a peça toda." É bom senso ou não é?



Mas eis que agora temos a modalidade de **"teatro para bebês"**.

Tudo ficou mais fácil. No fim de semana que passou, fiquei encantado com a adesão das famílias a esta nova proposta. Com um louvável patrocínio da Petrobras, que faz os ingressos serem gratuitos, o premiado grupo **Sobrevento** está em cartaz até o fim do ano com duas peças "para bebês", nas manhãs de sábado e domingo (10h e 11h) – e as sessões têm lotado em sua sede no bairro do Belém, vizinho ao Brás, pertinho do Metrô Bresser, ou seja, totalmente fora do tradicional circuito de teatros paulistanos!

É preciso fazer reserva com boa antecedência.

O melhor de tudo é constatar que não há nada de leviano, nem de oportunista, nem de mercantilista, nem de irresponsável nesta iniciativa do Sobrevento. Tudo é feito com a maior qualidade artística e um cuidado respeitoso com as crianças e com seus pais. Nas mãos de um grupo errado, o rótulo "teatro para bebês" poderia virar um grande equívoco caça-níqueis. O que me surpreendeu foi o contrário: é teatro do melhor nível, que emociona, que toca, que estimula – e, além disso, é para bebês.

Em *Bailarina*, o espetáculo das 10 horas, Sandra Vargas mais uma vez dá um show de delicadeza e placidez em cena. Autora também do lindo texto, Sandra interpreta uma mulher que recebe de presente da filha uma caixinha de música, dessas com uma bailarina na ponta

dos pés. A ideia é valorizar as mínimas ações físicas e o conceito de repetição. Cada gesto é feito e refeito com o maior cuidado, em apurada preocupação com seu conteúdo simbólico e poético. O uso de objetos também é um grande achado, pois a escolha de espelhos, colares, tudo muito colorido e ao mesmo tempo harmonioso, atrai o olhar dos bebês e nos faz, nós adultos, cairmos num estado de contemplação, de calma, de relaxamento. Pérolas são usadas como as lágrimas da bailarina. Não importa se o bebê vai entender a metáfora: importa que a imagem é marcante e consegue entretê-lo e silenciá-lo, num exemplo da mais absoluta integração entre atriz e plateia.

Em **Meu Jardim**, que começa sempre às 11 horas, Luiz André Cherubini e Maurício Santana exploram a espacialidade, as cores, a musicalidade. Num quadrado de pano que delimita o palco, os quatro cantos são o tempo todo explorados. O que acontece no primeiro cantinho do quadrado, é repetido no segundo, no terceiro e no quarto, para explorar a proximidade com todos os bebês da plateia. A luz é um show na hora em que Cherubini fala do sol. E o som é encantador quando ele fala de água. De uma bolsa saem muitos bichos de pano, para que os bebês também explorem o tato. E nessa bolsa há um sino pendurado, uma espécie de guizo, para que haja um som cada vez que o ator manipula a bolsa. Tudo isso não está ali à toa. Tudo é pensado com muito carinho e propriedade, para que os bebês sejam cativados para a arte teatral.

É lindo ver o tempo todo, em ambas as peças, a emoção nos olhos dos atores, que às vezes não se furtam a deixar suas lágrimas escorrerem, tamanho é o prazer de constatar o encantamento dos pequeninos com os gestos teatrais mais simples, com os estímulos artísticos mais primários. Ao final de *Meu Jardim*, o ator sugere - apenas com gestos - que os bebês o ajudem a guardar as sementes de volta dentro de seu chapéu. É incrível a adesão e, mais incrível ainda, como nenhum bebê põe as sementinhas na boca. Eles repetem o gesto do ator, demonstrando que, seja qual for seu nível de percepção do espetáculo, estão completamente dentro da proposta. "Você pode pensar que fazer teatro para bebês é limitante nos temas, nas ideias, na linguagem, mas é o contrário: podemos tudo, porque é um teatro que amplia, não é um teatro que limita", diz Cherubini.

Um bebê entende tudo o que merece ser entendido, escrevem no programa os integrantes do Grupo Sobrevento, que já estão há seis anos nesta pesquisa para a primeira infância, realizando palestras, debates, encontros e oficinas. Só nos resta aplaudir.

Serviço

Espaço Sobrevento. Rua Coronel Albino Bairão, 42, a duas quadras do Metrô Bresser.

Bailarina. Sábados e domingos, às 10h.

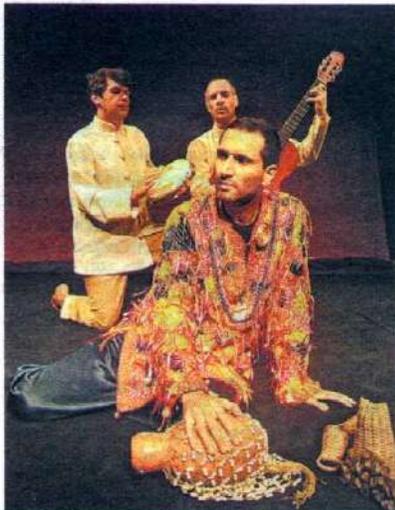
Meu Jardim. Sábados e domingos, às 11h. Informações e reservas: (11) 3399-3589 ou (11) 5434-0434. Duração dos espetáculos: 30 a 40 minutos. Prioridade de entrada: 1 bebê e 1 acompanhante. Disponibilidade de lugares: 35 bebês e 35 acompanhantes por sessão.

Retirada de ingressos: 30 minutos antes de cada sessão. As reservas caem 10 minutos antes de cada sessão. Entrada franca.

Dib Carneiro Neto



Dib Carneiro Neto, 50, é jornalista, dramaturgo (Prêmio Shell 2008 por *Salmo 91*), crítico de teatro infantil e autor do livro *Pecinha É a Vovozinha* (DBA), entre outros.



► Música ao vivo na peça 'Meu Jardim'

Jardim de infância

Os bebês vão ao teatro. E não choram. Sucesso na Europa, os espetáculos para fofuchos de até três anos ficaram conhecidos no Brasil há quatro, quando o grupo Sobrevento fez um intercâmbio com o espanhol La Casa Incierta. Depois de muito estudo, a renomada companhia brasileira estreia amanhã (15) duas produções: **Meu Jardim** e **Bailarina**.

As duas peças, porém, são diferentes. A primeira, com música ao vivo, fala de um viajante que resolve fazer um jardim. "Ela provoca um jogo, que envolve a plateia como parte da cena", explica Maurício Santana, um dos integrantes. Já a segunda (*ao lado*), é pura poesia.

O estilo segue o mesmo do europeu, com bebês acomodados em uma espécie de troninho, bem perto dos atores, e um conceito teatral diferente. "É uma experiência artística", comenta Santana. Experiência que hipnotiza os fofos – por 30 minutos. **Fernanda Araujo**

ONDE: Espaço Sobrevento. R. Cel. Bairão, 42, Bresser, 3399-3589, metrô Bresser. **QUANDO:** sáb. e dom., 11h. **QUANTO:** Grátis. Até 18/12. Rec.: até 3 anos, 30 min.



► Poesia e encanto no solo 'Bailarina'

Primeiros passos

Um dia, Laura ficou de pé. No outro, tentou andar e levou um tombo. E tentou de novo. Era um desafio, em busca do equilíbrio. "Senti ali um deslumbramento e um não medo de cair", lembra a mãe, Sandra Vargas (uma das fundadoras do Sobrevento), que se inspirou na filha para criar o texto **Bailarina**, que estreia amanhã (15).

A peça, assim como a fase, é delicada. Conta a história de uma mãe que ganha uma caixinha de música com adereços, como brincos e colares. "Escolhi peças que chamam a atenção dos bebês", lembra Sandra, em montagem solo. Além disso, o cenário remete à própria caixa onde mora a bailarina, com fundo em tecido vermelho, iluminado por uma bola de espelhos.

É um espetáculo lírico, que promete encantar também as crianças maiores e os adultos. Basta dar sorte de encontrar lugar entre a turma dos fraldinhas. **FA**

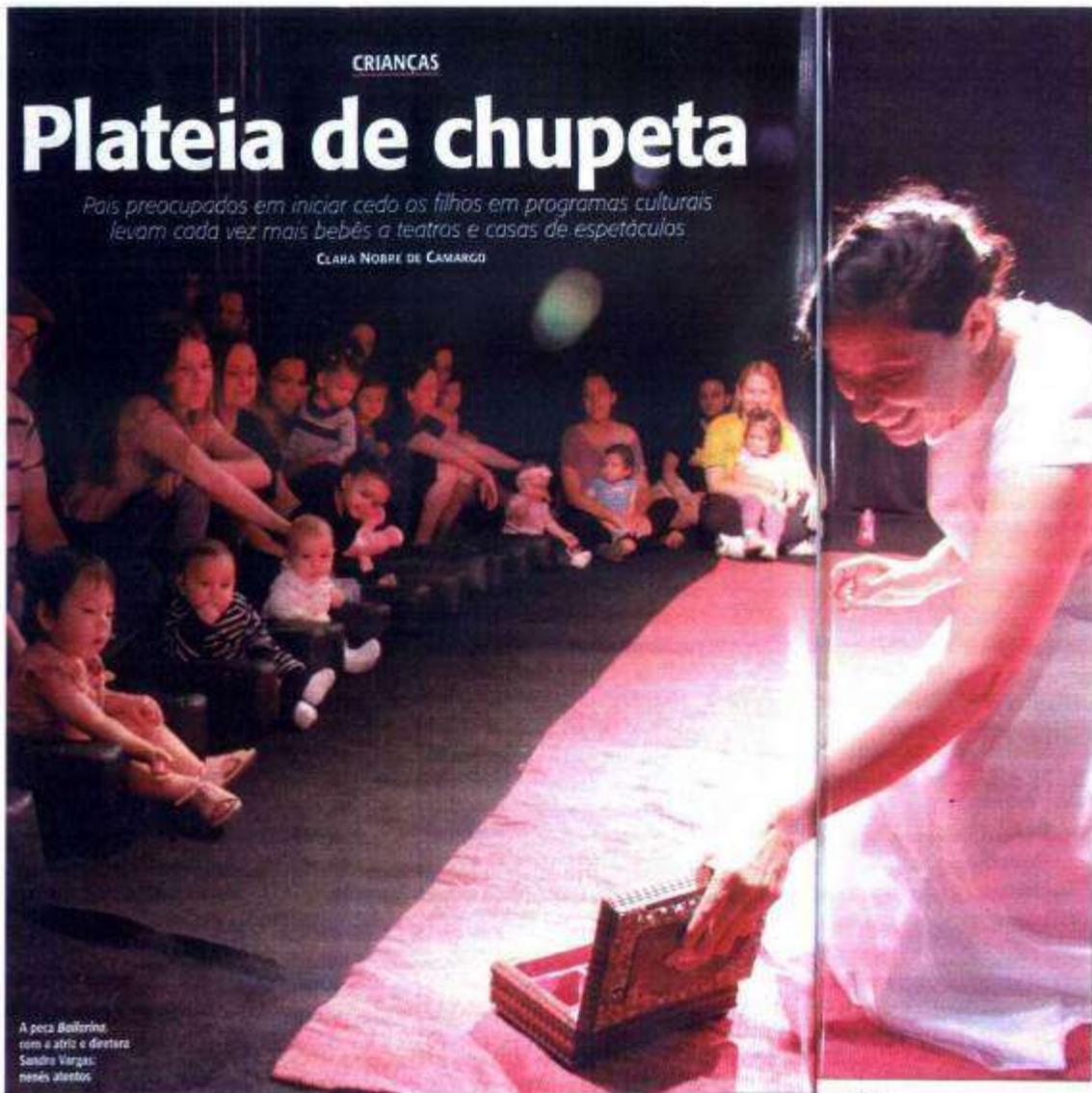
ONDE: Espaço Sobrevento. R. Cel. Bairão, 42, Bresser, 3399-3589, metrô Bresser. **QUANDO:** sáb. e dom., 10h. **QUANTO:** Grátis. Até 18/12. Rec.: até 3 anos, 30 min.

CRIANÇAS

Plateia de chupeta

Pais preocupados em iniciar cedo os filhos em programas culturais levam cada vez mais bebês a teatros e casas de espetáculos

CLAHA NORRE DE CAMARGO



A peça *Balorina*,
com o ator e dançarino
Sandro Virgas,
nesses atentos

São Paulo 30 de novembro de 2011

São Paulo 30 de novembro de 2011

Todo sábado e domingo, pela manhã e à tarde, são encenadas na cidade cerca de sessenta peças infantis (VEJA SÃO PAULO publica em média vinte delas a cada edição no Roteiro da Semana, em sistema de rodízio). A maioria dessas montagens destina-se a meninos e meninas com 3 anos ou mais, faixa etária em que eles começam a ocupar uma poltrona — e a pagar pelo ingresso. Há raríssimas opções para os menorzinhos, mas isso não reprime os pais paulistanos quando o assunto é diversão. Sempre foi comum que crianças de colo acompanhassem a família no programa voltado ao irmão mais velho. O cenário, entretanto, tem mudado, e cada vez mais se veem nas plateias pais apenas com filhos beeeem pequenos. Em algumas sessões da sala B do Teatro Alfa, eles somam 5% do público (ou dez bebês). O Teatro Folha, que costuma improvisar um “estacionamento” de carrinhos na entrada da sala, recebe até quinze espectadores de fraldas nas sessões do musical *Os Saltimbancos*. Nada se compara ao movimento em frente a um galpão na Mooca, sede do Grupo Sobrevento. Nos fins de semana, forma-se uma grande fila para disputar as setenta vagas (35 bebês e 35 adultos por sessão) para *Bailarina* e *Meu Jardim*, as duas peças bacanas para nenês em cartaz ali.

Responsáveis pela trupe, o carioca Luiz Cherubini e a chilena Sandra Vargas pesquisaram o gênero “teatro para bebês” durante seis anos, em conjunto com a companhia espanhola La Casa Incierta. As mimosas montagens (*leia as resenhas em Crianças, pág. 165*) trazem músicas delicadas, gestos calmos e cores suaves. Os frequentadores de chupeta são acomodados em encostos de espuma e ficam vidrados a cada movimento dos atores. Até o saguão do espaço foi preparado para recebê-los, com brinquedos de madeira, pufes coloridos e fraldário. A dona de casa Sonia Barone, avó de Nina, de 1 ano, levou a netinha para as duas sessões. “Ela prestou muita atenção e saiu imitando a bailarina”, conta. O italiano Samuel Perrella e a islandesa Signy Valbjorg, pais de Aron, de 4 meses, junto com a atriz Gina Monge e a bióloga Viviane Schuch, mães de Amaya e Nicolas, ambos de 3 meses, também aprovaram o passeio. “As pessoas não costumam ser muito tolerantes com bebês por aí”, diz Gina. “Por isso, sempre procuro espetáculos assim.”

Em geral, as famílias mostram-se muito ansiosas por iniciar logo a meninada nos programas culturais. A primeira vez que a arquiteta Fernanda Costa Passos e o marido, Oliver Scheepmaker, levaram Felipe ao teatro ele tinha 6 meses e sua irmã Luiza, 2 anos e meio. Hoje com 1 e 3 anos, respectivamente, eles já viram shows do Pequeno Cidadão e do Palavra Cantada, as peças *Peter Pan*, as



A primeira vez: Francisco, de 5 meses, e os pais, Daniel e Carol, no show do Tiquequê



Teatro Alfa: até dez crianças de colo na plateia por sessão

FOTOS LEO FELTRAN



Nina e a avó Sonia, no galpão do Sobrevento: brincadeira antes da peça

duas montagens do Grupo Sobrevento e *Os Saltimbancos*. "Acho importante trazê-los desde cedo e criar um repertório cultural", diz Fernanda. "Aos poucos eles vão aprendendo a prestar atenção."

Por tornarem a prática recorrente, alguns papais e mães se descuidam e não mantêm os rebentos concentrados e quietos na poltrona. O ambiente escuro e desconhecido do teatro pode fazer o bebê abrir um berreiro durante o espetáculo, constranger os acompanhantes, incomodar os demais espectadores e até desconcentrar o elenco. "Se o filho não se comportar, levante-se e saia da sala", afirma o jornalista e dramaturgo Dib Carneiro Neto, crítico de teatro infantil há mais de vinte anos. Deve-se evitar também explicar passo a passo o enredo à garotada. "Em muitas situações, quem atrapalha são os adultos chochichando no ouvido do filho. O que importar para a criança ela vai entender, e isso já vai fazer valer o ingresso." Gabriela Romeu, editora assistente do suplemento Folhinha, do jornal *Folha de S.Paulo*, acompanha o nicho há oito anos e já presenciou situações nas quais os mais inquietos conversam incessantemente com os atores no palco ou fazem ruídos abrindo embalagens de balas, chocolates ou salgadinhos sem ser repreendidos pelos adultos. "A criança começa a achar que o espetáculo é ela", diz. "Não dá para conversar ou comer dentro da sala, pois estão contando uma história e temos de parar e ouvir."

Levar os pequeninos a apresentações musicais pode ser um bom caminho para começar, defende Sandra Peres, da dupla Palavra Cantada. "Numa peça, talvez os menorzinhos não entendam o contexto e as palavras, mas em um show eles reconhecem a música e interagem mais", acredita. A pedagoga Carol Barretti e seu marido, Daniel, se programaram para levar Francisco, de 5 meses, ao teatro pela primeira vez para ver o grupo musical Tiquequê. O menino conhecia as canções e ficou vidrado. Bastou Carol perceber a agitação do filho para se levantar e sair da sala B do Teatro Alfa. "Ele não chorou, mas não iria aguentar ficar o tempo todo lá", disse. Como se vê, não precisa forçar a barra.

DICAS PARA UMA ESTREIA TRANQUILA

■ Celular

O programa é para a garotada. Mas isso não quer dizer que adultos possam ficar checando e-mails e lendo mensagens no celular. Desligue-o! A luz do aparelho distrai os menorzinhos e incomoda

■ Hora do lanche

Não deixe a meninada comer dentro do teatro e não abra embalagens que façam barulho

■ Tim-tim por tim-tim

Evite descrever cada cena do espetáculo no ouvido da criança. Vivenciar a experiência, mesmo que a atenção esteja voltada para cores, luzes e músicas, já faz valer o ingresso. Além disso, os cochichos atrapalham

■ Brinquedos

Jogos, chocalhos, ursinhos e bonecas são diversão para outra hora. No teatro, deve-se prestar atenção no que acontece no palco

■ Centro das atenções

É comum a criança se empolgar ao ser convidada para interagir. Alguns já meio crescidinhos, no entanto, falam mais que o próprio elenco e desviam a atenção da peça. Nesse momento, cabe aos adultos impor limites

■ Saída de emergência

Procure se sentar nas laterais da plateia, perto do corredor. Caso o bebê fique incomodado, apronte um berreiro ou seja preciso trocar sua fralda, é mais fácil sair da sala

André e Priscilla Rodrigues, com Giovanna e Gabriel (à esq.), e Oliver Scheepmaker e Fernanda Passos, com Felipe e Luiza: "Acho importante trazê-los desde cedo e criar um repertório cultural", diz Fernanda





FICHA TÉCNICA: BAILARINA

REALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO VISUAL: GRUPO SOBREVENTO

TEXTO: Sandra Vargas

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas

INTERPRETAÇÃO: Sandra Vargas

DIREÇÃO GERAL: Luiz André Cherubini e Sandra Vargas

CENOGRAFIA, BONECOS E ADEREÇOS: Grupo Sobrevento

FIGURINO: Sandra Vargas

ORIENTAÇÃO COREOGRÁFICA: Juliana Pardo

ILUMINAÇÃO: Renato Machado

OPERAÇÃO DE LUZ E SOM: Marcelo Amaral

PREPARAÇÃO DO PÚBLICO E MONITORIA: Agnaldo Souza

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Maurício Santana



CONDIÇÕES TÉCNICAS

A - Título:

BAILARINA

B - Público-Alvo:

Primeira infância, até 3 anos. Lotação: 40 bebês, com um acompanhante cada.

C - Espaço:

Um salão com condições para iluminação teatral ou o palco de um Teatro onde o público pode ser acomodado em assentos em frente a área de apresentação.

Área de representação:

Boca: 5m

Profundidade: 5m

Altura: 3 a 6m

Área do público:

Boca: 5m

Profundidade: 3 a 4m

D - Duração:

Duração do espetáculo: Cerca de 30 minutos.

Tempo de montagem: Cerca de 6h.

Tempo de desmontagem: Cerca de 1h.

E - Necessidades Técnicas - Pessoal e Equipamento:

Pessoal de apoio à montagem: 1 eletricista e 1 ajudante.

Equipamento de luz: 14 Par #5, 4 Par #1, 7 Elipsoidais, 4 Localights, 5 Pcs 1000w, 4 Set-Lights. Ver mapa de luz em anexo. Caso seja feito numa sala adaptada .O Grupo pode fornecer uma iluminação adaptada ao local, desde que haja energia para alimentar 1 rack de 12 canais com 2KW por canal (uma chave de 30 amperes).

Equipamento de som: Equipamento de som com potência adequada às características do local de apresentação.

Alimentação: Café e água durante a montagem. Caso houver atraso na montagem ou o local designado para as refeições for longe do teatro, providenciar lanche reforçado no próprio teatro.

F - Transporte de Cenário - Composição, Dimensão, Peso:

O cenário pode ser levado numa van junto com elenco e técnicos. Pesa 120 kilos.

Consiste em 3 volumes: 2 malas de 30 cm x 40 cm x 60 cm, e 1 mala de 1 m x 80 cm x 20 cm.

G - Elenco:

1 atriz, 1 iluminador e 1 operador de som.

Podem ser acomodados em 1 quarto individual e 1 quarto duplo.

Atriz-manipuladora:	Sandra Vargas
Operador de Som:	Luiz André Cherubini ou Agnaldo Souza
Operador de Luz	Marcelo Amaral



ENDEREÇOS

ESPAÇO SOBREVENTO
R. Coronel Albino Bairão, 42
Metrô Bresser-Moooca - São Paulo - SP

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
R. Tenente Azevedo, 104/201-A
01528-020 - São Paulo - SP

TELEFONES

ESPAÇO SOBREVENTO
(11) 3399-3589

CELULARES / WHATSAPP
(11) 99237-5132
(11) 96625-8215

INTERNET

CORREIO ELETRÔNICO
grupo@sobrevento.com.br

SÍTIO
<http://www.sobrevento.com.br>

REDES SOCIAIS
<https://www.facebook.com/sobrevento/>
<https://www.instagram.com/sobrevento/>